

# COMPORTAMENTO VARIÁVEL DA AQUISIÇÃO DA CODA MEDIAL POR APRENDIZES DE INGLÊS COMO L2

## *VARIATIONIST ANALYSIS OF THE ACQUISITION OF WORD MEDIAL CLUSTERS BY L2 LEARNERS OF ENGLISH*

Luana Anastácia Santos de Lima  
Universidade estadual da Paraíba

Rubens Marques de Lucena  
Universidade Federal da Paraíba

### RESUMO

O presente artigo busca investigar a ocorrência da epêntese vocálica medial na produção de inglês como L2 (*object* > *ob[i]ject*). Este fenômeno fonológico tem sido atestado em vários trabalhos que dão conta de explicar sua aplicação em L2 (CARDOSO, 2005; PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009; LUCENA & ALVES, 2009; 2010), cujos resultados originaram as hipóteses lançadas para cada variável controlada em nossa análise. Para tanto, utilizamos uma metodologia sociolinguisticamente orientada (LABOV, 1975; LABOV *et al.*, 2006 [1968] e 2008 [1972]), a qual contou com a produção de 18 aprendizes da Paraíba que foram submetidos à leituras de frases e textos em inglês. Os dados de produção foram gravados e as ocorrências do fenômeno foram quantificadas, sendo, em seguida, codificadas para receber um tratamento estatístico pelo programa *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Os resultados das análises estatísticas mostraram que, de forma geral, o fenômeno da epêntese vocálica exibiu baixos índices de aplicação do fenômeno. A partir dos resultados obtidos, constatamos que as variáveis selecionadas como relevantes para a ocorrência do fenômeno foram *proficiência na língua*, *contexto fonológico seguinte* e *contexto fonológico precedente*.

**Palavras-Chave:** Epêntese vocálica medial; aquisição de L2; variação linguística.

## ABSTRACT

This paper aims at investigating the occurrence of the epenthetic vowel in word medial clusters in the speech of English as L2 (as in *object* > *ob[ɪ]ject*). This phonological phenomenon has been attested in several works that explain the phenomenon in L2 (CARDOSO, 2005; PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009; LUCENA & ALVES, 2009; 2010), whose results helped us to formulate the hypothesis in our research. For this, we used a variationist methodology (LABOV, 1975; LABOV *et al.*, 2006 [1968] and 2008 [1972]), based on 18 informants, who were asked to read sentences and texts in English. The speech data were recorded and the phenomenon occurrence was quantified and coded in order to be statistically analyzed using *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). The analysis results revealed that the epenthetic vowel showed low frequency. *Proficiency level*, *following phonological context* and *preceding phonological context* were the variables selected by the program.

**Keywords:** Epenthetic vowel; L2 aquisition; linguistic variation.

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos de 1960 e 1970 verificou-se um significativo desenvolvimento de dois ramos da Linguística, sendo eles o estudo quantitativo da variação linguística e a investigação sistemática da aquisição de L2. Conforme afirma Bayley (2005), a motivação para a convergência dessas duas áreas de estudo encontra-se no objetivo comum entre ambas de entender o comportamento das variáveis linguísticas, bem como entender o sistema que é construído pelo aprendiz de uma L2.

Os estudos de L2 que combinam, entre outros métodos, análises variacionistas podem fornecer um melhor entendimento a respeito de como os aprendizes adquirem recursos necessários para manipular efetivamente a estrutura da L2, destacando, sobretudo, o possível contato entre L1 e L2. Uma das observações mais constantes durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira é esse contato entre as duas línguas, o qual ocorre sob a forma de transferência linguística e que parte da L1 em direção à L2. Esse processo geralmente é mediado por fenômenos fonológicos ocorridos em um dos sistemas linguísticos envolvidos.

Em se tratando do português brasileiro, temos, entre outros fenômenos que ilustram esse processo de transferência, a epêntese vocálica, responsável por estabilizar a produção acústico-articulatória de

encontros consonantais constituídos por codas complexas, os quais, para serem produzidos de acordo com a fonotática do português, precisam estar apoiados em uma vogal. Assim, os aprendizes tendem a repetir o que é aplicado na L1, evidenciando a influência que um sistema linguístico exerce sobre a produção do outro.

Tendo em vista essa constatação, o presente artigo analisa o fenômeno da epêntese vocálica medial nas produções de aprendizes de inglês como L2. Pretende-se, nesta perspectiva, investigar em que medida esses aprendizes inserem vogais entre encontros consonantais no inglês como L2, de forma a produzir construções do tipo *object > ob[i]ject*.

Diversos estudos tratam da investigação deste fenômeno (PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009; LUCENA & ALVES, 2009, 2010; CAGLIARI, 2010). No entanto, a maior parte destes trabalhos está concentrada no Sul do Brasil, com exceção da pesquisa realizada por Lucena & Alves (2009, 2010) que abrange *corpora* do Rio Grande do Sul e da Paraíba, o que despertou o interesse de desenvolver um estudo analítico do comportamento da epêntese vocálica medial no Nordeste brasileiro.

De acordo com Roach (2002, p. 25), a epêntese é caracterizada como um fenômeno redundante, haja vista que nesse processo o falante tende a inserir um elemento fonológico desnecessário e que não acrescenta informação alguma aos outros sons. O referido autor ainda admite que tal fenômeno geralmente ocorre quando há a adaptação de vocábulos de uma língua para a outra, cujas regras fonotáticas não permitem uma determinada sequência de sons, ou mesmo quando um falante está lidando com outra língua fonotaticamente diferente da sua língua nativa.

De acordo com Coutinho (1976.), esses tipos de construção remontam à estrutura do latim, perpassando, sobretudo, o português arcaico, até chegar ao português atual, como percebe-se em *gruppa > garupa*; *bratta > barata*; *fevrairo > fevereiro*, nos quais a epêntese desfaz o grupo de consoantes através da intercalação de uma vogal.

Bisol (1999, p. 735) também advoga esta perspectiva, afirmando que a epêntese é um processo vivo que se estende do latim vulgar a nossos dias, tendo alguns exemplos nítidos da consagração desta vogal na escrita, tais como *estrela* e *eslavo*. Nesse contexto, percebia-se em alguns vocábulos uma grafia com encontros consonantais compostos de elementos de traços

complexos, isto é, palavras que possuíam consoantes que geralmente não eram aceitas em posições de coda. Nesses casos, a única solução fonologicamente sugerida, aceita e mais bem sucedida é a intercalação da vogal, que, de acordo com a referida autora, não pode, de forma alguma, ser fonemicamente desprezada, haja vista que em alguns casos é quase que pronunciado conscientemente, passando a ser suprimida apenas no registro formal da língua culta.

Bisol (1999, p. 729) entende a epêntese como parte do mecanismo desse processo de silabação, compondo os níveis lexicais e pós-lexicais, e que se faz responsável, motivada pelo princípio do licenciamento prosódico, pelo preenchimento dos nós vocálicos por meio do que a mesma determina como “default” ou assimilação, de forma a configurar a sílaba para não violar os princípios universais ou convenções de determinadas línguas.

A literatura da área, portanto, tem mostrado que a epêntese vocálica é uma estratégia bastante usada no português brasileiro, a qual acaba, também, sendo adotada por aprendizes de inglês como L2 que realizam produções do tipo empty > emp/i/ty, object > ob/i/ject, advise > ad/i/vise, mesmo esse tipo de produção sendo evitado em língua inglesa, caracterizando-se como o processo de transferência, conforme algumas das teorias postuladas no presente artigo (ALVES, 2008; LAMPRECHT [*et al.*], 2009; LUCENA & ALVES, 2009, 2010).

A epêntese, portanto, funciona justamente como um dos fenômenos fonológicos variáveis que bem representa este processo de transferência da L1 para L2, a qual evidencia-se na produção de falantes aprendizes sob forma de interlíngua. Vale salientar que esta interlíngua emerge, principalmente, nos anos iniciais de aquisição da L2, caracterizando-se como uma estratégia para adequar a estrutura silábica do português brasileiro à do inglês, haja vista que o molde silábico de ambas as línguas são diferentes.

De acordo com as pesquisas realizadas por Schneider (2009, p. 38) “a realização da epêntese na interlíngua parece indicar, portanto, que o processo de aquisição do inglês como L2 faz uso das mesmas condições de boa-formação para sílaba presentes na L1 (PB)”, uma vez que a língua inglesa, em si, aceita determinados elementos que não são bem aceitos no PB em posição de coda.

Todavia, à medida que o aprendiz segue aprimorando seu grau

de maturidade linguística em relação à L2, este falante-aprendiz passa a desenvolver certa consciência de que fenômenos como esses distanciam, em algum ponto, sua produção de um falar nativo. Assim, essa consciência adquirida pelo aprendiz o fará construir, cognitivamente, meios de internalizar traços os mais semelhantes possíveis do nativo e processá-los não como o fariam na L1.

Pelo fato de apresentar um caráter variável<sup>1</sup>, o fenômeno da epêntese viabiliza, através de estudos e pesquisas, a avaliação, por parte do sociolinguista, de quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam na inserção de vogais epentéticas na produção dos falantes-aprendizes.

## 1. Metodologia

Para realizar a coleta de dados que nos forneceu o material para analisar o comportamento da epêntese medial entre os falantes, contamos com a participação de 18 informantes. Os participantes da pesquisa eram alunos de instituições superiores públicas – UEPB/UFPB, sendo 12 do curso de Letras, 2 do curso de Administração, 1 do curso de Psicologia, 1 do curso de Biologia, 1 do curso de Direito e 1 do curso de Odontologia. No entanto, todos são (já foram) estudantes de inglês como L2.

Todos os informantes foram submetidos ao *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004), que é validado em mais de 30 países, e o qual certificou o nível de proficiência dos informantes participantes da pesquisa. Após serem agrupados por níveis, cada um dos informantes participantes da pesquisa foi submetido à leitura de material em L2, que contemplava construções nas quais era possível ocorrer o fenômeno da epêntese. As palavras foram inseridas em frases-veículo em L2 (*The Word is...*) e apresentadas aos informantes através de *slides* exibidos no aplicativo *PowerPoint*.

Estas palavras eram constituídas por codas com obstruintes labiais /p/, /b/, coronais /t/, /d/ e dorsais /k/, /g/. Para cada segmento, foram escolhidas 4 palavras, totalizando 24 vocábulos. Com o intuito de despistar os informantes quanto ao fenômeno analisado em nosso estudo, inserimos 6 palavras distratoras.

<sup>1</sup> Vale salientar que, na produção dos indivíduos em L2, a inserção vocálica não exibe um caráter variável da mesma forma que exibe no PB, haja vista que, neste contexto, esse processo se apresenta como um reflexo da variação do referido fenômeno na L1 desses indivíduos.

Foram elaborados, também, pequenos textos envolvendo as palavras, para que pudéssemos investigar a influência de contextos maiores e menores na produção de epêntese, tanto em L1 quanto em L2. Desse modo, considerando as 24 palavras constituintes do *corpus*, fizemos a distribuição de 8 palavras em três textos, desconsiderando, nesse momento, as 6 palavras distratoras. No total, o *corpus* foi composto da leitura de 90 frases e 3 textos em L2, por falante.

Nessa amostra, seguiu-se a técnica da seleção aleatória estratificada com base no sexo dos informantes (feminino e masculino) e no nível de proficiência na L2 dos mesmos (básico, intermediário e avançado).

As leituras das frases e textos elaborados com ênfase no fenômeno linguístico analisado neste trabalho foram coletadas/gravadas com o auxílio do software *Audacity 1.3 Beta* (MAZZONI, 2011), recebendo, em seguida, tratamento estatístico pelo software *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

## 2. Variáveis controladas

No presente estudo, será considerada como variável dependente o fenômeno da epêntese vocálica medial que se caracteriza pela inserção de uma vogal entre elementos consonantais, implicando duas possibilidades de classificação: a aplicação da regra (ob/i/ject – inserção da vogal) ou a não aplicação da regra (object – não inserção da vogal).

Para fins de melhor controle do fenômeno, dividimos as variáveis independentes em linguísticas e extralinguísticas. As variáveis linguísticas foram especificadas a partir de trabalhos realizados anteriormente – Pereyron (2008), Schneider (2009) e Lucena & Alves (2009, 2010), verificando se as mesmas se fazem relevantes para a manutenção ou inibição do fenômeno e em que medida isto se aplica, corroborando ou refutando os resultados dos trabalhos supracitados. As variáveis controladas foram:

a) contexto fonológico precedente: refere-se ao segmento consonantal que se encontra em posição de coda travando a sílaba, antecedendo a vogal epentética, quando esta ocorre. Para tanto, dentre os contextos de codas, analisamos os contextos *labiais* /p/, /b/, *coronais* /t/, /d/ e *dorsais* /k/, /g/. Assim, utilizamos palavras como *empty*, *compartment* e *victim*. Trabalhos

anteriores como os de Pereyron (2008) e Schneider (2009), por exemplo, mostram, de forma semelhante, que o contexto dorsal, especificamente a oclusiva dorsal /g/, é o que mais propicia a ocorrência de epêntese, apresentando altas taxas de produções de inserção vocálica diante deste contexto.

b) contexto fonológico seguinte: refere-se ao segmento consonantal que se posiciona logo após a consoante perdida em coda, quando não ocorre o fenômeno da epêntese, ou após a vogal epentética, quando o fenômeno é aplicado. Assim, os segmentos analisados no contexto seguinte foram, igualmente ao contexto precedente, *labiais* /v/, /m/, *coronais* /t/, /d/, /s/, /ʒ/, /ʃ/, /n/ e *dorsais* /k/. Os estudos empreendidos nesta perspectiva – Pereyron (*op. cit.*) e Schneider (*op. cit.*) mostram que os contextos coronais, em ambos, lideraram os índices de inserção vocálica, como em [n], [s], [ʒ], [k], sendo seguidos das labiais [f], [v], [m].

c) tipo de instrumento: foram utilizados *leitura de frases* e *leitura de textos* a fim de coletar dados para análise. Na análise empreendida por Pereyron (2008), controlou-se a variável tipo de instrumento, embora a mesma não tenha sido selecionada em nenhuma rodada da análise perceptual. Sua hipótese para esta variável era a de que a aplicação da epêntese fosse menor em dados provenientes da lista de palavras, já que esta acarreta uma produção mais elaborada, na qual o falante-aprendiz encontra-se atento ao que está lendo (LABOV, 2008 [1972], p. 247).

As variáveis extralinguísticas controladas foram:

a) sexo: há uma série de trabalhos consistentes de caráter variacionista que associam a variável sexo a questões linguísticas (PAIVA, 2003; CAMARA JR., 2007; LABOV, 2008 [1972]) e que trabalham com essa variável na perspectiva de que as mulheres lideram o uso da forma padrão, mostrando-se sensíveis às formas de prestígio. Já os homens, por outro lado, mostram-se propensos a liderarem o uso de formas desprestigiadas. Labov (2008 [1972], p. 281) advoga, neste sentido, que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são

mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”.

b) nível de proficiência na língua: esta variável contempla três níveis de proficiência do informante, sendo eles, *básico*, *intermediário* e *avançado*, com o objetivo de verificar em quais desses níveis o aprendiz aplicará mais a regra da epêntese. Os dados de análise dos trabalhos de Lucena & Alves (2009; 2010) revelam que o nível de proficiência dos informantes foi selecionado como uma das variáveis relevantes nas rodadas realizadas. Seus resultados mostram que quanto mais básico o nível de proficiência do aprendiz, mais próximas as suas produções serão do sistema da L1.

### 3. Resultados

O percentual geral do fenômeno da epêntese vocálica em inglês como L2 apresenta um total de 1610 ocorrências, entre as quais 237 são de aplicações do fenômeno, apresentando um índice percentual de 14, 7 %, e 1373 de não aplicação com um percentual de 85, 3 %. No geral, já esperávamos que esse percentual fosse atingido, uma vez que temos a maioria dos informantes do curso de Licenciatura Plena em Letras, o que pode resultar em um conhecimento mais detalhado a respeito da estrutura silábica da língua inglesa, noção essa advinda das aulas da disciplina Fonética e Fonologia de Língua Inglesa.

Alves (2008, p. 123) corrobora esta perspectiva, afirmando que mesmo alguns informantes de sua pesquisa tendo sido apontados pelo teste como pertencentes a um nível elementar de proficiência na L2, tais aprendizes não poderiam ser completamente vistos como iniciantes em seus estudos de L2. De acordo com o referido autor, isso se deve ao fato de estes aprendizes serem/terem sido acadêmicos do curso de Letras – Habilitação Língua Inglesa e receberem, semanalmente, uma grande exposição à língua estrangeira, o que constitui, segundo Alves (*op. cit.*), uma possível explicação para os altos índices de produção semelhante ao falar nativo, em seus dados.

Tomando como base outros trabalhos, como o de Schneider (2009) realizado no Sul do Brasil, encontramos valores próximos aos nossos. Em sua análise, o referido autor também constatou um pequeno índice de aplicação do fenômeno (15,5 %), sendo levemente maior que o nosso. Este resultado não nos surpreende, já que grande parte dos estudos

desenvolvidos no Sul do país revela que falantes gaúchos sentem-se mais à vontade com a produção de codas, devido a um fenômeno conhecido como *Afrouxamento da Condição de Coda* (ACC), muito marcado no dialeto porto alegre (LUCENA & ALVES, 2009; 2010).

Abaixo, são discriminadas as variáveis independentes submetidas à análise e selecionadas:

Quadro 1 – Grupos selecionados na rodada

Grupos Analisados	Grupos Selecionados
sexo	proficiência na língua
proficiência na língua	contexto fonológico seguinte
tipo de instrumento	contexto fonológico precedente
contexto fonológico seguinte	–
contexto fonológico precedente	–

Novamente, todas as variáveis foram controladas, dentre as quais apenas três foram selecionadas como relevante para os dados de L2 – *proficiência na língua*, *contexto fonológico seguinte* e *contexto fonológico precedente*, sendo essas o foco da discussão que levantamos a seguir.

A variável *proficiência na língua* foi a primeira selecionada como estatisticamente relevante na rodada dos dados. Nossa hipótese inicial para esta variável era de que quanto mais avançado o nível de proficiência do aprendiz na língua, menor o índice de aplicação de inserção vocálica nas produções desses falantes. A tabela a seguir mostra os valores percentuais encontradas para os dados dessa variável:

Tabela 1 – Proficiência na língua

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	104/521	20	0,62
Intermediário	99/533	18,6	0,60
Avançado	34/556	6,1	0,29
<b>Total</b>	237/1610	14,7	–

*Input*: .11

*Significância*: .004

Os resultados expostos na tabela acima demonstram que há um índice de aplicação de 20 % e peso relativo de 0,62 para o nível básico, e um percentual de 18,6 % e peso relativo de 0,60 para o nível intermediário, ao passo que aprendizes de nível avançado exibem um valor acentuadamente menor no percentual de manutenção do fenômeno que é de 6,1 % e peso relativo de 0,29.

A partir dos dados expostos, percebe-se que os índices de aplicação do fenômeno são mais recorrentes entre aprendizes de nível básico e intermediário, apresentando percentuais de 20 % e 18,6 % e pesos relativos de 0,62 e 0,60, respectivamente.

Note-se que tais resultados são bem próximos, confirmando, portanto, que a ocorrência da epêntese vocálica está diretamente ligada ao nível de proficiência, conforme já esperávamos. Os resultados de outros trabalhos, tais como os de Alves (2009, p. 224), também confirmam o que presumimos a partir de nossos dados, dado o fato de que o referido autor evidencia que processos como a epêntese vocálica são características dos níveis mais elementares de aquisição de L2.

Estes resultados ratificam a perspectiva de que em estágios iniciais os aprendizes ainda estão recebendo os *inputs* necessários para maturar cognitivamente as informações que estão recebendo sobre a L2. Assim, enquanto as informações não estiverem maturadas, a tendência natural é de que estes aprendizes se apoiem em construções advindas da L1, principalmente quando se encontram diante daquelas representadas por segmentos complexos de serem produzidos. Desta forma, temos que o fenômeno da epêntese vocálica ilustra adequadamente este processo a partir do qual, *clusters* passíveis de serem encontrados apenas no inventário silábico do inglês e não do português apresentam uma estrutura que viola sua fonotática e tornam-se, por isso, difíceis de serem produzidos.

De acordo com Ré (2006, p. 102), essa é uma situação inevitável, sobretudo quando se consideram os primeiros momentos de aprendizagem de uma L2, em que a língua de origem tende a aparecer de forma clara nas produções dos aprendizes, deixando vestígios de sua estrutura. No entanto, em se tratando de níveis mais avançados, temos aprendizes proficientes que geralmente exibem um nível de competência mais elevado na L2 e refutam construções mais próximas à L1 em suas produções. Logo, presume-se que

o tempo de contato destes aprendizes com a L2 pressupõe competência para lidar com estruturas mais elaboradas, evitando ao máximo a transferência de elementos de L1 para L2.

Nossa discussão a respeito do comportamento desta variável vem, mais uma vez, a corroborar os dados de trabalhos como os de Cardoso (2005), Pereyron (2008), Schneider (2009), entre outros encontrados na literatura da área, confirmando o indício de que o nível de proficiência se mostra um importante fator estreitamente ligado à aplicação do fenômeno da epêntese vocálica nos dados de língua inglesa.

O fator *contexto fonológico seguinte* foi o segundo selecionado pelo software *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) como relevante para a aplicação do fenômeno da epêntese vocálica.

Com base nas pesquisas realizadas no Rio Grande do Sul por Pereyron (2008) e Schneider (2009), levantamos a hipótese de que os contextos coronais e/ou labiais favoreceriam a manutenção da vogal epentética, mostrando-se como os mais propícios para o fenômeno.

Em seguida, serão expostos os resultados para cada variante considerada nesta variável:

Tabela 2 – Contexto fonológico seguinte

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	115/419	27,4	0,70
Coronal	122/1191	10,2	0,42
<b>Total</b>	237/1610	14,7	–

*Input: .11*

*Significância: .004*

Desse modo, como é possível observar na tabela, temos, mais uma vez, que o contexto labial sobrepõe-se ao coronal, exibindo um percentual de 27,4 % e um peso relativo de 0,70 de aplicação da epêntese vocálica, ao passo que o coronal exibe um percentual de 10,2 % e um peso relativo de 0,42.

O subfator dorsal foi excluído desta terceira rodada dos dados de L2 pela detecção de ocorrência de *knockout*, em que obtivemos 0 % de aplicação de epêntese vocálica em quatro ocorrências do contexto dorsal

[k] e [g]. Assim, pareceu-nos mais sensato, neste caso, proceder à eliminação desse fator, trabalhando apenas com os fatores labiais e dorsais.

Analisando os dados do quadro acima, procedemos à constatação imediata de que os fatores labiais são os mais influentes para manutenção da inserção vocálica. Como mencionamos nessas últimas rodadas, apesar de o contexto labial ter sido selecionado como o mais relevante, não se pode perder de vista que a maior parte dos contextos anteriores apresenta uma coronal em posição precedente, o que fortalece mais ainda a tese de que elementos que possuem traços [+ coronal] oferecem um ambiente favorável para a ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica.

Ecoando Bisol (1999, p. 733), partimos do pressuposto de que o fenômeno da epêntese vocálica caracteriza-se, em determinados contextos, pelo processo de expansão da coronalidade, no qual há o espraiamento do elemento da coda silábica, que preenche o núcleo vazio. Assim, o que ocorre é a incorporação de um novo elemento através da expansão da coronalidade, mecanismo esse que é o responsável pela criação da nova sílaba. De acordo com a referida autora, esse é o recurso preferido pelos usuários da língua portuguesa para desfazer os encontros consonantais complexos. Neste caso, a partir dos resultados que encontramos em nossos dados, podemos afirmar que os aprendizes utilizaram tal recurso para modificar os *clusters* encontrados na língua inglesa, a fim de facilitar a produção dos mesmos em L2.

Estes pontos elencados por Bisol (*op. cit.*) retratam, em parte, os dados que obtivemos e a hipótese que levantamos, já que mesmo não sendo formalmente selecionado, o contexto coronal se fez presente nos dados do contexto labial, o qual foi estatisticamente selecionado.

O fator *contexto fonológico precedente* foi a terceira e última variável estatisticamente selecionada pelo *GoldVarb X* (*op. cit.*) como relevante para a aplicação do fenômeno da epêntese vocálica em L2. Para procedermos a sua análise, conforme estabelecido anteriormente, trabalhamos com os mesmos fatores – labial, coronal e dorsal, analisados em posição de coda.

Tendo em vista os resultados encontrados na literatura da área a partir da qual nos pautamos (PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009), formulamos nossa hipótese no sentido de que o fator dorsal seria o mais propício para a ocorrência da epêntese vocálica medial.

A tabela a seguir apresenta os resultados encontrados para os fatores controlados a partir desta variante:

Tabela 3 – Contexto fonológico precedente

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	49/562	8,7	0,40
Coronal	125/556	22,5	0,53
Dorsal	63/492	12,8	0,56
<b>Total</b>	237/1610	14,7	–

*Input:* .11

*Significância:* .004

Ao observar a tabela 3, percebemos que os dados obtidos nesta variável corresponderam a nossa expectativa, visto que já esperávamos encontrar o fator dorsal como o mais favorável para a aplicação do processo de inserção vocálica, com um percentual de 12,8% de aplicação e peso relativo de 0,56.

O fator labial, todavia, se mostrou menos propenso à ocorrência da epêntese, revelando um percentual de aplicação de 8,7 % e peso relativo de 0,40. O fator coronal, por sua vez, exibiu um percentual de 22,5 % e peso relativo de 0,53.

Nossos resultados confirmam nossa hipótese de que o contexto dorsal mostra-se com um ambiente mais favorável à epêntese vocálica medial, corroborando as constatações das pesquisas realizadas no Rio Grande do Sul, também envolvendo a epêntese medial. Em Schneider (2009), as dorsais do tipo [g], na posição precedente em língua inglesa, mostram-se intimamente relacionadas à epêntese medial.

No entanto, não se pode perder de vista que, mesmo não sendo selecionada como relevante, a coronal também se mostrou relativamente equiparada à dorsal em termos de aplicação do fenômeno, exibindo um peso relativo acima do ponto neutro, e ratificando a estreita relação que este fator estabelece com o fenômeno.

Isso mostra que mesmo o fator dorsal parecendo ser bem mais aceito pelos aprendizes em suas interlínguas, a coronal também se manifesta da mesma forma, tendo esse fato ocorrido em todas as rodadas empreendidas.

Assim, podemos afirmar que, em língua inglesa, as dorsais em posição de coda se mostram mais complexas de serem produzidas, passando a ser

um dos últimos segmentos a serem adquiridos pelo aprendiz e o mais passível de ocasionar a ocorrência de vogal epentética. Huf & Alves (2010, p. 20) chegaram a resultados semelhantes aos nossos em sua pesquisa e afirmam que ocorrências de epêntese após dorsal parecem sugerir que a sequência /dorsal + coronal/ se mostra mais dificultosa para o aprendiz do que o encontro /labial + coronal/.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivo descrever como ocorre o fenômeno da epêntese vocálica medial em L2 (língua inglesa) de forma a investigar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciam a ocorrência da epêntese na fala de aprendizes paraibanos de inglês como L2.

Por se tratar de um trabalho sociolinguisticamente orientado (LABOV, 1975; LABOV *et al.*, 2006 [1968] e 2008 [1972]), utilizamos uma metodologia de caráter quantitativo, a partir da qual coletamos dados de produção de 18 informantes.

A partir dos resultados obtidos, pode-se perceber que o fenômeno da epêntese medial não se sobressaiu em nossos dados, levando-nos a crer que a produção dos nossos informantes se mostrou em um estágio de desenvolvimento avançado, dispensando o uso da epêntese para desfazer as codas complexas.

De acordo com os dados obtidos, a variável *nível de proficiência na língua* foi a primeira selecionada. Este fato confirmou nossas hipóteses de que o nível de proficiência do aprendiz é um importante fator que influencia no comportamento do fenômeno da epêntese, visto que quanto mais avançado o nível de proficiência apresentado pelo aprendiz, menor a incidência de aplicação de inserção vocálica (PEREYRON, 2008; LUCENA & ALVES, 2009; 2010).

Em relação à variável *contexto fonológico seguinte*, o fator labial se sobressaiu em relação aos demais. Nossa hipótese foi confirmada parcialmente, já que esperávamos os fatores coronais e labiais como os contextos que exerceriam maior influência na ocorrência da epêntese vocálica (PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009). Através dos resultados encontrados, percebemos que, na maioria dos vocábulos em que tínhamos uma labial no contexto seguinte, presenciamos uma coronal na posição de coda, levando-nos a

concluir que os traços coronais revelam traços favoráveis à aplicação do fenômeno.

Para a variável *contexto fonológico precedente*, os resultados encontrados refutaram a hipótese estabelecida, na qual esperava-se que o fator labial favorecesse a aplicação do fenômeno (PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009). No entanto, o fator coronal foi o que se manifestou favoravelmente em torno da aplicação do fenômeno. Este resultado ratificou o que encontramos na rodada anterior, salientando que o compartilhamento do traço coronal com os demais elementos vizinhos culmina na aplicação da epêntese vocálica. Fica evidente, portanto, que elementos formados por esses traços formam codas mais complexas e difíceis de serem produzidas pelos aprendizes.

De forma geral, também observamos algumas divergências entre o comportamento de algumas variáveis selecionadas como menos favoráveis ao processo em relação aos trabalhos citados, sobretudo aos desenvolvidos no Rio Grande do Sul que concentram a maior gama de trabalhos nesta área (PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009; LUCENA & ALVES, 2009; 2010). A este fato, atribuímos explicações de ordem metodológica para dar conta dessas divergências.

Esperamos, pois, que nosso estudo tenha somado aos outros já existentes, podendo, de alguma forma, contribuir para um mapeamento mais amplo não apenas do fenômeno da epêntese vocálica, mas do processo de transferência que ocorre durante o processo de aquisição de L2.

## REFERÊNCIAS

ALLAN, Duff. *Oxford Placement Test 1*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *A aquisição das sequências finais de obstruintes do inglês (L2) por falantes do Sul do Brasil: análise pela via teoria da otimidade*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

\_\_\_\_\_. Consciência dos aspectos fonéticos/fonológicos da L2. In:

LAMPRECHT, Regina Ritter [et al.]. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BAYLEY, Robert. *Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation*. San Antonio: University of Texas, 2005.

\_\_\_\_\_; LUCAS, Celi. *Sociolinguistic Variation: theories, methods, and applications*. New York: Cambridge University Press, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Problemas de Linguística Descritiva*. 6ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 40ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CARDOSO, Walcir. *The variable development of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project: 2005. v. 19, p. 219-248.

COOK, Vivian. *Linguistics and Second Language Acquisition*. London: The Macmillan Press, 1993.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Alvares, 1972.

ELLIS, Rod. *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *The study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HUF, Júlia Carolina Coutinho; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *A produção de /p/ e /k/ em codas simples e complexas do inglês (L2) por aprendizes gaúchos: discussão a partir dos padrões acústicos encontrados*. Verba Volant, v. 1, nº 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2010.

ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese de Doutorado. Universidade de Massachusetts, 1986.

KRASHEN, Stephen. *Principles and practice in second language acquisition*. University of Southern California, 1982.

LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

\_\_\_\_\_; WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; M<sup>a</sup> Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAMPRECHT, Regina Ritter [et al.]. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

LUCENA, Rubens Marques de; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Influência do dialeto materno na aquisição de inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda*. Letra Viva, v. 9, p. 19-33, 2009.

\_\_\_\_\_. *Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês: uma análise variacionista*. Letras de Hoje, v. 45, p. 35-42, 2010.

MAZZONI, Dominic. *Audacity, v. 1.2.6 [programa de computador]*. Acessado em 4/12/2011, em <<http://audacity.sourceforge.net/>>.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo:

Contexto, 2003.

PEREYRON, Leticia. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RÉ, Alessandra Del. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROACH, Peter. *English Phonetics and Phonology: a practical course*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Phonetics*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. *GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.

SCHNEIDER, André. *A epêntese medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.